J O R G E

O MENINO GRAPIÚNA

RECORD

A M A D O

Memória, confissão e profissão de fé alternam-se no texto de *O menino grapiúna*. São os relatos de um menino que passou a infância na zona cacaueira e testemunhou o nascimento e crescimento de cidades e o apogeu e queda dos poderosos. Experimentou a necessária rudeza dos homens e a ternura maternal das mulheres que construíram o império do cacau. Passou toda forma de dificuldade e saiu-se mais sábio e valente.

A aventura de seus pais, o coronel João Amado de Faria e D. Eulália, na zona cacaueira, junto a outros com os quais "forjaram a nação grapiúna", enfrentando a morte, a miséria e a doença, antes de finalmente se estabelecerem em Pirangi. O tio Álvaro e sua *sabedoria* nada exemplar, com seus golpes e empreendimentos duvidosos. Seus mestres de todos os tipos: jagunços, carolas, jogadores, damas, padres, coronéis... A liberdade da fazenda e o confinamento do internato e posterior fuga. As reflexões sobre as injustiças, a tirania e a falta de criatividade enfrentadas por toda a vida. As descobertas, lições e reflexões do menino Jorge Amado em sua infância e juventude nos confins da Bahia.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Amado, Jorge, 1912-
A494m O menino Grapiúna / Jorge Amado; ilustrações de
20ª ed. Floriano Teixeira. – 20ª ed. – Rio de Janeiro, Record, 2001.

1. Amado, Jorge, 1912- I. Teixeira, Floriano, ilust. II. Título.

CDD – 928.6993
81-0696 CDU – 92 Amado, J.

Traduzido para o alemão, espanhol, francês e italiano.

Retrato do autor por Jordão de Oliveira
Capa e ilustrações de Floriano Teixeira
Foto do autor por Zélia Gattai

Reservados todos os direitos de tradução e adaptação
Copyright © by Jorge Amado – Rua Alagoinha, 33 (Rio Vermelho)
41940-620 Salvador – Bahia – Brasil

Direitos desta edição
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-02053-2

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970

O Menino Grapiúna

O projeto de fixação de texto da obra de Jorge Amado tem o patrocínio da

ORGANIZAÇÃO ODEBRECHT

Supervisão do projeto: Silvia Rezende e Caio de Andrade

Fixação do texto: Paloma Jorge Amado
Capa de Pedro Costa com detalhes de ilustração de Floriano Teixeira
Ilustrações da sobrecapa e miolo: Floriano Teixeira
Ilustrações de miolo: Floriano Teixeira
Retrato do autor por Jordão de Oliveira
Vinhetas recuperadas de ilustrações de Floriano Teixeira por Pedro Costa
Foto do autor por Zélia Gattai

Jorge Amado

O Menino Grapiúna

Record

Para Zélia que ouviu Lalu contar peripécias do menino grapiúna.

Para Alice e Floriano Teixeira e para Isabela, neta de Alice, secretária de Floriano, minha amiga.

Para Alice e Luiz Carta, recordando dias baianos.

Digitized by the Internet Archive
in 2025

https://archive.org/details/omeninograpiuna0000jorg

1

De tanto ouvir minha mãe contar, a cena se tornou viva e real como se eu houvesse guardado memória do acontecido: a égua tombando morta, meu pai, lavado em sangue, erguendo-me do chão.

Eu tinha dez meses de idade, engatinhava na varanda da casa ao fim do crepúsculo quando as primeiras sombras da noite desciam sobre os cacauais de recente plantação, sobre a mata virgem, inóspita e antiga. Desbravador de terras, meu pai erguera sua casa mais além de Ferradas, povoado do jovem município de Itabuna, plantara cacau, a riqueza do mundo. Na época das grandes lutas.

A luta pela posse das matas, terra de ninguém, se alastrava nas tocaias, nas trincas políticas, nos

encontros de jagunços no sul do Estado da Bahia; negociavam-se animais, armas e a vida humana. Em busca do El-Dorado, onde o dinheiro era cama de gato, chegava a mão-de-obra, vinda do alto sertão das secas ou do Sergipe da pobreza e da falta de trabalho — os *alugados*, os bons de foice e enxada e os bons de pontaria. Pagos numa tabela alta, os jagunços de tiro certeiro tinham regalias. As cruzes demarcavam os caminhos do alardeado progresso da região, os cadáveres estrumavam os cacauais.

Meu pai cortava cana para a égua, sua montaria predileta. O jagunço, postado atrás de uma goiabeira, a repetição apoiada na forquilha de um galho (assim o enxergo na nítida rememoração), esperou o bom momento para descarregar a arma. O que teria salvo o condenado? Um movimento brusco dele ou da égua, talvez, pois o animal recebeu a bala mortal, enquanto nos ombros e nas costas do coronel João Amado de Faria vieram incrustar-se caroços de chumbo que ele jamais retirou, visíveis sob a pele até o fim da vida. Exibidos com certa relutância e alguma

vaidade para ilustrar a repetida narrativa de minha mãe.

Ainda conseguiu o ferido levantar o filho e levá-lo até a cozinha onde dona Eulália preparava o jantar. Entregou-lhe o menino coberto com o sangue paterno. Sucedeu no distante ano de 1913. Eu nascera em agosto de 1912 naquela mesma roça de cacau, de nome Auricídia. Rapazola, meu pai abandonara a cidade sergipana de Estância, civilizada e decadente, para a aventura do desbravamento do sul da Bahia, para implantar, com tantos outros participantes da saga desmedida, a civilização do cacau, forjar a nação grapiúna — a uns poucos quilômetros de Ferradas, nos limites de Ilhéus e Itabuna, ergue-se hoje uma universidade com milhares de alunos. Mas, naquele então, minha mãe dormia com a repetição sob o travesseiro.

2

LAZARE
TO

EXISTIRÁ MESMO ALGUMA LEMBRANÇA GUARDADA na retina do infante — as águas crescendo, entrando pela terra, cobrindo o capim, arrastando animais, restaurando o mistério violado da mata — ou tudo resulta de relatos ouvidos?

A enchente do rio Cachoeira, nos começos de 1914, levou plantações, casa, chiqueiro, a vaca, os burros e as cabras. Fugitivos, meus pais chegaram ao povoado com a roupa do corpo, carregando o menino. Em Ferradas, já não havia onde recolher tantos foragidos, fomos enviados para o lazareto, habitualmente reservado aos leprosos e bexigosos, transformado em abrigo para as vítimas da cheia. Lavaram o chão de cimento com umas poucas latas de água,

recordava minha mãe. Outros recursos não existiam, nem remédios, nem enfermeiras ou médicos — eram as terras do sem fim.

Quem sabe, devo a essa amendrotadora hospedaria de minha primeira infância o fato de ter permanecido imune à varíola até hoje: jamais qualquer vacina antivariolosa, das tantas que me aplicaram no correr dos anos, fez efeito. Nem sequer a primeira, novidade na região, em 1918, a pele cortada a canivete. De tão predisposta, Maria, a pequena empregada, desabrochou em pústulas. Todo mundo de braço inchado, febril, sentindo-se mal. Permaneci impávido, a subir pelas árvores, a correr na praia. A bexiga fazia parte de meu sangue.

3

Naquele tempo, a bexiga negra dizimava as populações da zona do cacau. A bexiga, o impaludismo, a febre. Que febre? Não sei, diziam apenas a febre para designar a implacável matadora. Seria o tifo? Mata até macaco, afirmavam para caracterizar a violência e a malignidade daquela febre fatal: a febre, pura e simplesmente.

Na época das chuvas, tornava-se epidêmica, deixava de ser a febre, passava a ser a peste. Vinha do fundo das matas, no rastro dos jaracuçus e das cascavéis. A febre contentava-se em matar uns quantos, a peste enlutava as cidades e os campos, não havia remédio que valesse.

Tampouco medicação capaz de enfrentar a bexiga negra. Contagiosa como nenhuma outra moléstia, as suas vítimas eram isoladas nos lazaretos, longe das povoações. Por milagre, um bexigoso se curava, regressava com as marcas no rosto e nas mãos. Macabra visão de infância a me fazer estremecer até hoje: os bexigosos, metidos em sacos de aniagem, sendo levados para o lazareto, carregados pelos miraculados, ou seja, por aqueles que, havendo contraído a varíola e tendo escapado com vida, tornaram-se imunes ao contágio. Caminhando lado a lado com a morte, incorporado ao reduzido grupo de familiares, acompanhei de longe o transporte de um colega de escola primária até que o carregador, com o saco às costas, desapareceu no caminho, nos limites da cidade. A bexiga e os bexigosos povoam meus livros, vão comigo pela vida afora.

4

NA PRAIA DO PONTAL, DE INFINITA BELEZA, O MENINO cavalga em cacho de cocos verdes, eleva-se nos ares, sobrevoa o porto e os navios, vive entre a realidade e a imaginação. Na garupa do improvisado ginete conduz a fada, a princesa, a estrela, a esfarrapada vizinha; nos olhos e no riso da companheira de viagem aprende as primeiras noções de amor. A menina exerce poderoso fascínio. Dengosa e matreira, negaceia, foge e retorna — o pai é canoeiro, passa o dia sobre o dorso da leve embarcação, levando gente e carga de um lado para outro da baía, do subúrbio pobre de Pontal para a cidade rica de Ilhéus. Junto às pontes de atracação, os pequenos navios da Companhia Bahiana transformam-se em transatlânticos, em navios de piratas nos quais o menino se transporta aos confins

do mundo, combate e vence o Terror dos Mares, salva a princesa escravizada.

Os pais arruinados, perdidas as terras e as roças de cacau, cortam e preparam couro para tamancos. A casa pobre é moradia e oficina, mas o menino vive na praia, no encontro do rio com o mar, as ondas poderosas e as águas tranqüilas, o coqueiral, o vento e a presença da menina por quem pulsa seu pequeno coração. Como se chamava? Perdeu-se o nome, na memória ficou apenas a imagem da cavalgada, de mistura com as histórias de fadas e piratas, em curiosas versões regionais de dona Eulália. Ficaram o audaz alazão e o rosto moreno, os cabelos lisos, de cabo verde, da primeira namorada. Namorada seria muito dizer, com tão pouca idade ainda não se namora, mas com que intensidade se ama!

O desbravador de terras, o plantador de cacau, corta o couro, fabrica tamancos, mas seu único objetivo é economizar algum dinheiro para novamente partir rumo às matas bravias, abrir caminhos, plantar roças de cacau. Será curto o tempo de praia e ventania, de coqueiros e canoas, de canções e lua cheia,

distante das covas rasas nas encruzilhadas, dos tiroteios no meio da noite.

Não vai demorar a volta do menino à casa de fazenda, não mais em Ferradas; agora será na Tararanga, para as bandas de Sequeiro do Espinho onde, na lama das picadas, sob os pés dos jagunços e os cascos das tropas de burros carregando sacos de cacau, nascia o povoado que se chamou Pirangi, hoje cidade de Itajuípe. Um tempo de gestação de cidades.

5

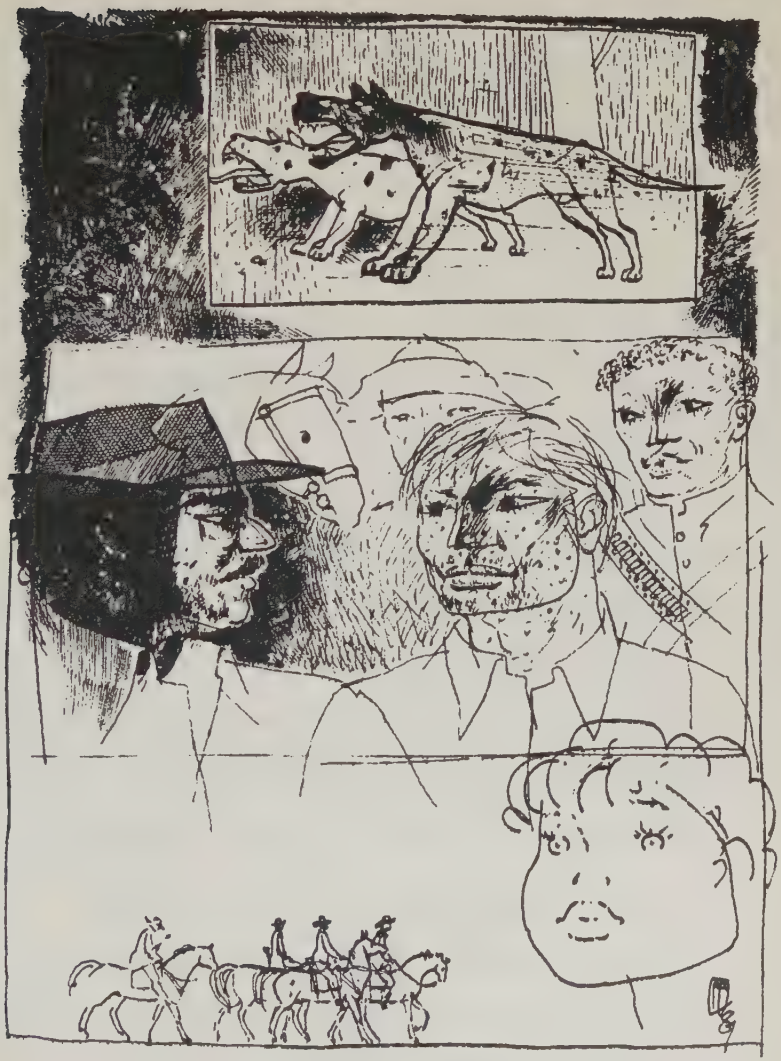
Alguns verbetes em dicionários e enciclopédias, certas notícias bibliográficas, fazem-me nascido em Pirangi. Em verdade, sucedeu o contrário: vi Pirangi nascer e crescer. Quando por ali passei pela primeira vez, encarapitado no cavalete da sela na montaria de meu pai, existiam apenas três casas isoladas. A estação da estrada de ferro ficava longe, em Sequeiro do Espinho.

Pouco tempo depois já era uma rua comprida, onde casas de residência se misturavam aos armazéns para a estocagem de cacau. O bar com as salas de jogo ao fundo, os míseros becos abrigando as pensões de raparigas. Aventureiros vindos de todas as partes, mascates levantinos descansando as malas de

mercadorias para instalar lojas e armazéns, um missionário de acento alemão tentando impor os mandamentos da lei de Deus a uma gente sem lei e sem religião, desregrada e indômita, infensa a qualquer autoridade, do céu ou da terra.

Aos poucos o burgo miserável ganhou vida intensa, o dinheiro corria fácil e farto. Espocavam tiroteios na rua, nas casas de raparigas, nas salas de jogo. A vida humana continuava a valer pouco, moeda com que se pagava um pedaço de terra, um sorriso de mulher, uma parada de pôquer. Cresci ao mesmo tempo que Pirangi, assisti à inauguração da primeira loja, ao aparecimento do primeiro veículo a motor, transportando passageiros de Sequeiro do Espinho. Ali conheci os mais valentes entre os valentes e tive meu sono de criança velado por mulheres-da-vida nos becos esconsos.

6



Memória verdadeira e completa guardo de outra cena, essa não mais de ouvir dizer e sim de tê-la vivido em meio à noite cálida e assustadora da Tararanga. Menino de quantos anos? Cinco, talvez um pouco mais, não sei; é difícil estabelecer as medidas do tempo da primeira infância. Muito pequeno ainda, com certeza. Acordado pelos latidos dos cachorros aos quais se somavam outros ruídos no pátio em frente à casa, fui espiar. Como fiz para esconder-me na varanda, para não ser visto, não me lembro.

Recordo, sim, com absoluta nitidez, a visão exaltante: na obscuridade moviam-se vultos, sombras, ouviam-se vozes, relinchos dos animais. Meu pai montado em sua mula preta — melhor do que

qualquer cavalo, afirmava ele —, os cabras em burros, pois naquelas estradas infames de lama, buracos e precipícios os cavalos eram montaria de pouca segurança. Serviam apenas para os desfiles dos coronéis nas ruas de Ilhéus e Itabuna, os arreios de prata.

Nas selas, os trabucos. Chefe dos cabras, Argemiro, um sergipano sarará, que servira meu pai nos tempos de Ferradas, novamente com ele na Tararanga, afamado e temido, o revólver no cinto. Acima de Argemiro, marcado pela varíola, caboclo de olhos vivos, fazendeiro e político, Brasilino José dos Santos, o compadre Brás, a mais fascinante figura de minha infância. Compadre e amigo do coronel João Amado, jamais lhe faltou nas horas difíceis. Impossível encontrar-se na região do cacau valentia e desassombro iguais ao dele — assim constava e era a verdade. Alguns anos depois eu o vi enfrentar sozinho um grupo de bandidos enviados pelos inimigos políticos para provocar alteração em Pirangi. Sua simples presença na rua — largou a mesa onde almoçávamos, tomou do revólver e saiu sozinho porta afora — bastou para que a baderna terminasse e os

jagunços fugissem. Fora o braço direito de Basílio de Oliveira nas grandes lutas pela posse da terra.

A tropa armada partiu, certamente um pequeno grupo de homens, parecia-me um exército. Minha mãe, magra e resignada, viu o marido tomar mais uma vez o rumo de Itabuna para garantir, com amigos e cabras, a eleição de um sobrinho. Eleições a bico de pena, sob a vigilância dos jagunços. Só então, quando a cavalgada sumiu, minha mãe reparou no menino a espiar. Tomou o filho nos braços e o teve contra o seio.

Mocinha devotada aos irmãos, também eles coronéis do cacau — meu tio Fortunato, empolgante figura, pagara preço alto pelo título e pelas terras: saiu das lutas cego de um olho, numa das mãos restaram-lhe apenas dois dedos —, esposa devotada ao marido, disposta e silenciosa, sem um queixume, odiava aquele mundo bárbaro do qual fazia parte. Animais e homens desapareceram na noite. Na varanda, com dona Eulália, ficavam o menino e a morte. A morte, companheira de toda a minha infância.

7

TEMAS PERMANENTES, O AMOR E A MORTE ESTÃO no centro de toda minha obra de romancista. A observação de Ilya Ehrenburg, no prefácio da tradução russa de *Terras do Sem Fim*, retomada por outros críticos, encontra sua razão de ser, suas raízes, nessa primeira infância de terra violentada, de homens em armas, num mundo primitivo de epidemias, pestes, serpentes, sangue e cruzes nos caminhos e, ao mesmo tempo, de mar e brisa, de praia e canções, meninas de doce enlevo. Entre Pontal e Pirangi, antevi o amor e tratei com a morte. A vida do menino foi intensa e sôfrega.

8

Argemiro colocava o menino na frente da sela e o levava a Pirangi nos dias de feira: uma festa, um deslumbramento. Entre os sacos de feijão e farinha, as mantas de jabá, as jacas, as abóboras, os cachos de bananas, as raízes de inhame e aipim, no meio do povo, homens e mulheres que possuíam a cor e o odor da terra, o menino ia aprendendo sem se dar conta. De nada gostava tanto como dessas idas a Pirangi, em companhia de trabalhadores e jagunços: ampliavam seu universo e impediam que medrasse em seu espírito qualquer espécie de preconceito.

A quem mais admirava senão a Argemiro, de temerária fama, ou a Honório, um gigante negro que se repete nos meus livros, a partir de *Cacau*? Diante

de Honório todos tremiam, constava que já liquidara não sei quantos, posso garantir que era de uma bondade sem limites, de uma delicadeza sem igual.

O menino teve que esperar uns anos para conhecer e freqüentar as salas de jogatina nos fundos do bar, onde os coronéis e os comerciantes árabes arriscavam o dinheiro e a vida nas partidas de pôquer — ainda não tinha idade para cursar baralhos e aprender as regras do blefe. Mas as casas de mulher-dama, essas lhe foram familiares desde a meninice, pois Argemiro (e também Honório) não saía de Pirangi sem antes demorar-se em companhia das moças nos becos perdidos.

Enquanto esperava, o menino ia de mão em mão, de ternura em ternura, de afago em afago, de rapariga em rapariga, cada qual mais maternal. Recordo a figura de Laura, os cabelos longos, o rosto macilento — sabia histórias de lobisomens, cantava cantigas de ninar.

— Não diga a dona Eulália ou ao coronel que a gente esteve aqui... — recomendava Argemiro,

suplicava Honório. Se os pais soubessem, o mundo viria abaixo.

Como contar, se aquele segredo de homens era um orgulho do menino? Não podia traí-lo nem correr o risco de perder a comovida ternura, o puro carinho das mulheres, bens por demais preciosos.

Em minha infância e adolescência, as casas de mulheres-da-vida, em vilas e povoados, em pequenas cidades, nas ladeiras da Bahia, significaram calor, agasalho e alegria. De certa maneira, nelas cresci e me eduquei, parte fundamental de minhas universidades.

Nada tinham de prostíbulos, a palavra pesada e torpe não serve para designar interiores tão familiares e simples, onde toquei os limites extremos da miséria e da grandeza do ser humano.

Na roça, na hora do banho, Marocas, solteirona devota e carente, examinava ansiosa o sexo do menino, nele encostava o rosto, suspirando — foi quem primeiro o masturbou. Nas casas de rapariga, quando Argemiro ou Honório entregava o menino

aos cuidados das mulheres, nenhuma delas, jamais, teve gesto ou anelo que não fosse puro e maternal.

Mulheres perdidas, assim eram chamadas, o rebotalho da humanidade. Para mim, de começo foram maternais, depois amigas fraternas, tímidas e ardentes namoradas. Acalentaram meus sonhos, protegeram minha indócil esperança, deram-me a medida da resistência à dor e à solidão, alimentaram-me de poesia. Despidas de todos os direitos, renegadas por todas as sociedades, perseguidas, enganadas, degradadas, possuíam imensas reservas de ternura, incomensurável capacidade de amor.

Que outra coisa tenho sido senão um romancista de putas e vagabundos? Se alguma beleza existe no que escrevi, provém desses despossuídos, dessas mulheres marcadas com ferro em brasa, os que estão na fímbria da morte, no último escalão do abandono. Na literatura e na vida, sinto-me cada vez mais distante dos líderes e dos heróis, mais perto daqueles que todos os regimes e todas as sociedades desprezam, repelem e condenam.

9

Os líderes e os heróis são vazios, tolos, prepotentes, odiosos e maléficos. Mentem quando se dizem intérpretes do povo e pretendem falar em seu nome, pois a bandeira que empunham é a da morte, para subsistir necessitam da opressão e da violência. Em qualquer posição que assumam, em qualquer sistema de governo ou tipo de sociedade, o líder e o herói exigirão obediência e culto. Não podem suportar a liberdade, a invenção e o sonho, têm horror ao indivíduo, colocam-se acima do povo, o mundo que constroem é feio e triste. Assim tem sido sempre, quem consegue distinguir entre o herói e o assassino, entre o líder e o tirano?

O humanismo nasce daqueles que não possuem carisma e não detêm qualquer parcela de poder. Se pensamos em Pasteur e em Chaplin, como admirar e estimar Napoleão?

10

Os vagabundos ainda demorariam a fazer parte de meu universo, do meu cotidiano. Com eles comecei a tratar quando, aos treze anos, fugi do internato dos jesuítas e atravessei o sertão para chegar a Sergipe, à casa de meu avô. Depois fiz-me amigo de tantos e tantos na minha livre adolescência na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos. Amigo dos vagabundos, dos mestres de saveiro, dos feirantes, dos capoeiristas, do povo dos mercados e dos candomblés. Mais do que isso, fui um deles.

Na região grapiúna não havia lugar para vagabundos, o trabalho era duro, a luta sem tréguas. Conheci e tratei com aventureiros de todas as condições: vinham no rastro do cacau, em busca de dinheiro

fácil, usavam os títulos mais diversos, na esperança de enrolarem os ingênuos coronéis. Mas os coronéis do cacau não eram tão ingênuos assim, manobravam os baralhos de pôquer com a mesma segurança com que manejavam os revólveres, os parabéluns. Vários desses aventureiros deixaram a vida nos cabarés de Ilhéus e Itabuna, nas casas de jogo de Água Preta e Pirangi. Outros se ajustaram aos costumes da região, os pés presos ao mel do cacau, rasgaram a mata e plantaram fazendas.

Entre jagunços, aventureiros, jogadores, o menino crescia e aprendia. Aprendeu a ler antes de ir à escola, nas páginas do jornal *A Tarde*, nos anos de Pontal. Aprendeu as regras do pôquer sentado atrás de seu tio Álvaro Amado, no Hotel Coelho, acompanhando as partidas, as apostas, adivinhando o jogo de cada parceiro. Enganar os demais fazia parte das regras do pôquer e dos hábitos da região. Havia a trinca Itabuna, um par e um ás ou um rei; a trinca Pirangi, formada por três cartas seguidas do mesmo naipe. Mas era difícil ganhar na ficha, na valentia da aposta, para os coronéis de dinheiro farto; passar um

blefe exigia habilidade e conseqüência. Para meu tio Álvaro não havia alegria maior do que ganhar sem ter jogo, pondo os parceiros a correr, acontecimento pouco freqüente, mas exaltante. Passei tardes inteiras peruando pôquer — até hoje não me explico por que aqueles rudes senhores não mandavam embora o menino curioso e inquieto, interessado no jogo. Tio Álvaro acarinhava minha cabeça, piscava-me o olho.

11

Os personagens das obras de ficção resultam da soma de figuras que se impuseram ao autor, que fazem parte de sua experiência vital. Assim são os coronéis do cacau nos livros onde trato de região grapiúna, nos quais tentei recriar a saga da conquista da terra e as etapas da construção de uma cultura própria. Creio que em todos esses coronéis há um pouco do meu tio Álvaro Amado. Personalidade sedutora, teve-me sempre sob a sua proteção, dava-me categoria de amigo, por vezes de cúmplice.

Irmão mais moço de meu pai, tio Álvaro seguiu-lhe o exemplo, ainda adolescente veio de Sergipe para fazer-se grapiúna. Fazendeiro, comerciante, inventando negócios os mais diversos, sempre

risonho e alegre. De todos os seus múltiplos ofícios, o jogo foi o mais constante e o preferido, podia atravessar dias e noites com o baralho na mão, namorando com a sorte, esperando o momento justo para a grande jogada. Fui seu admirador fanático.

Um dos homens mais agradáveis que conheci, incompatível com a tristeza; onde chegasse trazia a animação e a festa. Tinha hábitos curiosos e moral própria, construída à base das exigências da vida em zona tão bravia: para velhaco, velhaco e meio, eis sua divisa, proclamada aos quatro ventos. Ganhando dinheiro facilmente, mais facilmente ainda o gastava, vivia quase sempre apertado, mas permanecia generoso ainda que, por vezes, às custas de terceiros.

Gabava-se de ter sorte no jogo, orgulhava-se de acertar no bicho pelo menos uma vez por semana. Mas era de opinião que a sorte deve ser ajudada e tratava de ajudá-la. Nunca eu soube de alguém que achasse tanto dinheiro na rua, andava olhando para o chão. Um dos seus hábitos consistia em comparecer a reuniões e festas, na longa estação das chuvas,

levando sempre um guarda-chuva velho que depositava junto aos demais, na entrada da casa. Ao sair, levava o melhor e mais novo.

As histórias de suas sabedorias — sabedoria era o termo que dona Eulália usava para designar as atividades nem sempre exemplares do cunhado — me encantavam. Aconteceu-me participar de algumas delas e isso me enchia de vaidade.

12

UMA DAS HISTÓRIAS DE TIO ÁLVARO FICOU-ME GRAVADA na lembrança, pois colaborei para seu êxito. Um dia, quem sabe, ainda a aproveitarei num conto — apenas não creio que a figura de meu tio caiba nas limitadas laudas de uma narrativa curta, exige romance.

Aconteceu quando eu andava pelos meus seis ou sete anos. Havíamos mudado para Ilhéus. Em nossa casa, bem localizada, ao lado do Hotel Coelho, nas proximidades da praça principal da cidade, tio Álvaro estabeleceu, apesar dos protestos de meu pai, próspero comércio de água milagrosa, importada de Sergipe.

Água milagrosa descoberta pouco antes em pequena cidade do estado vizinho, nuns terrenos

próximos à capela de Nossa Senhora do Ó, santa responsável pelas qualidades sobrenaturais do líquido que jorrava abundante de escondida nascente, no interior de uma gruta. Para atender aos rogos da mãe de uma criança enferma, Nossa Senhora do Ó abençoara a nascente e revelara sua existência à aflita devota — informava o proprietário do terreno, da gruta e da nascente. A criança bebeu da água, curou-se. O milagre correu mundo. Não foi o único, outros se sucederam, a gruta tornou-se lugar de peregrinação e o copo de água passou a ser vendido a cem réis.

A notícia, repleta de relatos verídicos, chegou rápida à região do cacau, povoada em grande parte por sergipanos. Logo alguns enfermos partiram em busca de cura. Prova viva dos poderes conferidos por Nossa Senhora do Ó à fonte milagrosa, regressavam livres de dores cruciantes, de doenças crônicas, algumas consideradas incuráveis. Bastara que bebessem daquela água durante alguns dias e rezassem umas quantas ave-marias. Cresceu o fluxo de romeiros. Entre eles meu tio Álvaro, de repente atacado por

agudo reumatismo, intolerável. Aproveitava a viagem para visitar meu avô, em Itaporanga.

Voltou completamente curado do reumatismo e entusiasmado com os poderes medicinais da água tão falada: não havia doença, fosse qual fosse, capaz de resistir a uns quantos copos do líquido abençoado por Nossa Senhora. Bom samaritano, tio Álvaro não se contentara com agradecer à santa, acendendo velas na sua capela. Desejoso de estender o milagre àqueles enfermos que não tinham condições de viajar até Sergipe, desembarcou do navio da Bahiana, no porto de Ilhéus, trazendo em sua bagagem duas latas de querosene cheias de água milagrosa, recolhida diretamente na nascente divina, além de pequena reprodução da imagem de Nossa Senhora do Ó — ao lado da gruta crescera animado comércio de objetos religiosos. Tio Álvaro anunciou a venda, a preço convidativo, de garrafas do inestimável produto da misericórdia divina. Não visava a lucros e, sim, ajudar o próximo, estendendo aos demais o milagre de que fora beneficiário.

O coronel João Amado tentou impedir o santo negócio, passou uma lição de moral no irmão, mas quem conseguia resistir à lábia e aos argumentos de tio Álvaro? Segundo ele, os poderes sobrenaturais persistiriam desde que não se esperasse que as latas esvaziassem completamente para novamente enchê-las, fazendo-o quando estivessem pela metade. Assim haveria sempre uma parte da água milagrosa atuando na mistura, mantendo-lhe os dons concedidos pela Virgem. Sem esquecer as ave-marias, é claro.

Fui seu colaborador na rendosa atividade: as latas de querosene à vista, entre elas a pequena imagem de Nossa Senhora do Ó, garantia de autenticidade, eu enchia garrafas que a princípio chegaram a ser disputadas por filas de enfermos.

A água trazida de Sergipe, multiplicada segundo as rigorosas exigências de tio Álvaro, durou bem mais de um mês, não fosse ela milagrosa. Quando a clientela se esgotou em Ilhéus, meu tio levou as duas latas cheias para Itabuna, onde doentes ansiosos reclamavam o fabuloso produto.

Tio Álvaro respondia às críticas do irmão e da cunhada, enumerando os milagres realizados pela água que ele e eu vendíamos, curas espantosas. Espantosas e reais, vinham pessoas a nossa casa agradecer a tio Álvaro a caridade. Agradeça à Nossa Senhora do Ó, respondia, modesto. Penso que no fundo se considerava um benemérito.

Do caso, ficou uma curiosidade a atazanar-me até hoje: a água que enchia as duas latas, quando o tio Álvaro desembarcou do paquete da Bahiana, teria vindo mesmo de Sergipe ou era do navio? Em verdade, que importa? Fosse da distante nascente, do barco ou da torneira de nossa cozinha, operava prodígios. Curou muita gente, rendeu-me alguns cruzados — cruzado era uma moeda grande, de quatrocentos réis —, meu tio gratificava bem seus ajudantes.

Quando fugi do colégio dos jesuítas, foi tio Álvaro quem viajou até Sergipe para me buscar. Eu esperava que o mundo caísse em cima de mim. De tio Álvaro não ouvi críticas nem acusações. No seu sorriso, pareceu-me encontrar solidariedade e aplauso.

13

No começo, devido à enorme quantidade de serpentes, de todos os tipos, cada qual mais venenosa, as residências dos fazendeiros nas roças eram geralmente construídas sobre os chiqueiros ou em suas proximidades. A capa de gordura a envolver os porcos impedia a ação mortal das cobras e eles as mastigavam e comiam. Em troca, havia quem criasse jibóias, mais efetivas que os gatos no combate aos ratos.

Com a ampliação das fazendas, o crescimento da riqueza, as modestas casas mal situadas transformaram-se em casas-grandes à maneira dos engenhos de açúcar do Recôncavo, dos latifúndios sertanejos, ostentando comodidade e luxo. Erguiam-se cercadas

de varandas, em centro de terreno limpo e cuidado. Fartura de animais domésticos, cães e gatos em quantidade.

Nos terreiros multiplicavam-se as aves de criação: galinhas, perus, patos, conquéns. Por vezes aves da floresta, domesticadas. Minha mãe criava jacus e mutuns em meio às galinhas. Cabras e carneiros, vacas leiteiras. Algumas fazendas exibiam pomares, plantados atrás da casa-grande: pés de laranja, tangerina, lima, carambola, pinha, graviola, jambo, pitanga, manga, caju. As jaqueiras, os sapotizeiros, os pés de umbu e cajá faziam parte da mata virgem — a jaca era a fruta principal, delícia para a família, boa ração para as vacas e os burros.

O luxo cresceu com o poder e a vaidade dos coronéis, cada qual querendo exibir riqueza maior. Vi pianos de cauda em fazendas da vizinhança — como fizeram para transportá-los até aquelas lonjuras? Meu pai se contentara com a aquisição de um gramofone, instrumento que deixava os trabalhadores estupefatos.

Em frente à casa-grande na fazenda de José Nique, florescia um jardim de rosas e cravos, extremo requinte. José Nique era requintadíssimo, no vestir e no trato. Negro retinto, audaz desbravador de terras, trajava-se com o maior esmero — outra figura tutelar de minha infância.

Mais do que tudo me encantavam, enchiam meus olhos, as oleogravuras francesas que um mascate árabe espalhara pela vastidão das fazendas de cacau. Reproduziam paisagens da Europa, um campo civilizado de castelos e moinhos, relvados e flores, pastores e pastoras; o oposto das terras primitivas, de serpentes e febres, recém-conquistadas para o plantio do cacau. Por uma pastora de gansos amarguei incurável paixão. Posso ainda vê-la na atmosfera azul do quadro, de pé com seu cajado, a cabeleira solta, o olhar perdido no infinito.

14

Os soldados da Polícia Militar desembarcaram em Ilhéus sob o comando de um coronel cujas credenciais eram a violência e a crueldade com que *pacificara* o sertão. Vinha com ordens terminantes de acabar com o cangaço na zona do cacau. Em verdade, por detrás da súbita decisão moralizadora do governo do estado escondiam-se razões políticas. O coronel e seus soldados não pretendiam fazer prisioneiros. As informações sobre a ação da brigada não deixavam dúvidas acerca da maneira de agir do coronel. Não adiantava render-se, entregar-se: a justiça sumária ditava a sentença na hora.

Entre os adversários mais visados encontrava-se José Nique, temido clavinote a serviço da oposição.

Suas terras limitavam com as de meu pai. Os soldados da Briosa cercaram os domínios do negro orgulhoso e insolente.

Atento às conversas, aos comentários na casa-grande e nas casas de trabalhadores, o menino soube das ameaças a seu amigo José Nique. Gostava do vizinho, cuja extensa crônica de chefe de assaltos e mortes não impedia que, de volta das viagens à Bahia e ao Rio (ia à capital do país pelo menos uma vez por ano para refazer seu guarda-roupa), lhe trouxesse um brinquedo caro, estrangeiro. O menino viveu dias de alarme, à escuta para recolher notícias. Os trabalhadores apostavam: José Nique conseguiria escapar com vida?

Soube do encontro, numa trilha próxima à mata, do comandante da Polícia Militar e do chefe de jagunços. *Teje preso*!, gritou o militar para José Nique, disparando a arma ao mesmo tempo, atirando para matar. Na confusão, José Nique sumiu mata adentro, deixando um rastro de sangue. Disseram-no atingido por três balas, condenado. O cerco se apertou em torno à mata, para impedir a fuga. Argemiro levou o

menino para ver os soldados da Briosa. Iguais aos jagunços, a única diferença era a túnica.

Os dias passavam, José Nique acoitado na mata. *Quando os urubus descerem em vôo rasante, saberemos que o bandido morreu e iremos buscar os restos. Será fácil localizá-los: onde os urubus estiverem, eles estarão*, diziam os oficiais, repetindo as bravatas do comandante. O menino sentia um aperto no coração, mas nem assim perdeu a esperança: José Nique, segundo Honório, tinha pacto com o diabo, corpo fechado.

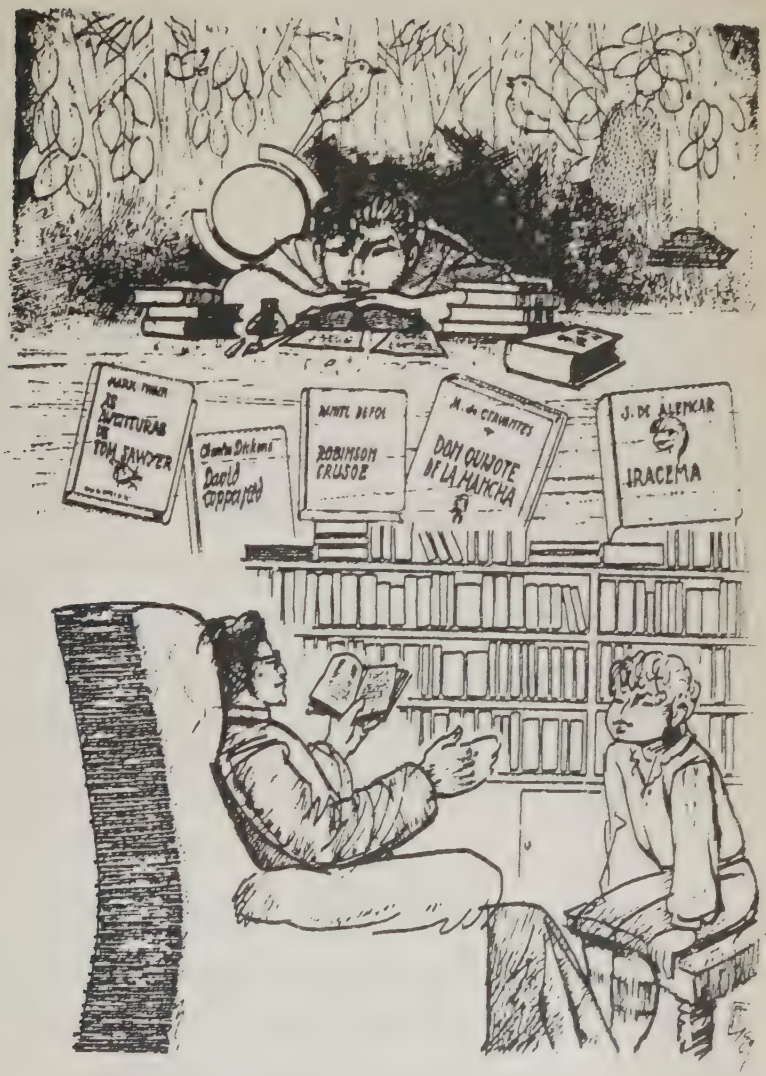
No meio da noite o menino acordou com as batidas na porta da frente. José Nique, a roupa rasgada, imundo, esfomeado, sedento, mais parecia assombração: recebera duas balas num braço, a terceira rasgara-lhe o rosto que estava inchado, purulento, desagradável de ver-se. Mas sorriu para o menino que foi em busca do copo com água enquanto dona Eulália trazia algodão, iodo, Maravilha Curativa e panos limpos. Acendeu-se a lenha no fogão para esquentar comida.

Tendo matado a fome e a sede, o braço em improvisada tipóia, o rosto lavado, José Nique recusou

a montaria e o acompanhamento de Argemiro e Honório postos à disposição pelo vizinho. A pé e sozinho seria mais fácil escapar. Agradeceu e tomou rumo ignorado. Os soldados permaneciam em torno à mata, esperando que os urubus descessem em vôo rasante. Cansaram de esperar.

Cerca de um mês depois chegaram novas de José Nique: estava no Rio de Janeiro. Tendo conseguido alcançar Ilhéus, viajara para o Sul escondido num navio da Costeira. O médico de bordo cuidara dele. A notícia deu lugar à música de harmônica e violão, a arrasta-pé e a farto consumo de cachaça no arruado dos trabalhadores. Dia alegre, de comemoração.

15


MARK TWAIN
AS AVENTURAS DE TOM SAWYER
Charles Dickens
David Copperfield
DANIEL DEFOE
ROBINSON CRUSOE
M. de CERVANTES
DON QUIJOTE DE LA MANCHA
J. DE ALENCAR
IRACEMA

Para o menino grapiúna — arrancado da liberdade das ruas e do campo, das plantações e dos animais, dos coqueirais e dos povoados recém-surgidos —, o internato no colégio dos jesuítas foi o encarceramento, a tentativa de domá-lo, de reduzi-lo, de obrigá-lo a pensar pela cabeça dos outros. A intenção do pai era apenas educá-lo no melhor colégio, o de maior renome. Não se dava conta de como violentava o filho.

Essa mesma sensação de sufoco, de limitação, eu voltaria a sentir mais de uma vez no decorrer de minha vida. No desejo de bem servir causas generosas e justas, aconteceu-me aceitar encargos e desempenhar tarefas de meu desagrado — durante dois

anos, por exemplo, fui deputado federal, apesar de não ter vocação parlamentar nem gosto para o cargo. Da mesma maneira, por idênticos motivos, em certas ocasiões admiti e repeti conceitos, regras e teses que não eram minhas, pensei pela cabeça dos outros.

No colégio dos jesuítas, pela mão herética do padre Cabral, encontrei nas *Viagens de Gulliver* os caminhos da libertação, os livros abriram-me as portas da cadeia. A heresia do padre Cabral era extremamente limitada, nada tinha a ver com os dogmas da religião. Herege apenas no que se referia aos métodos de ensino da língua portuguesa, em uso naquela época, ainda assim essa pequena rebeldia revelou-se positiva e criadora. A heresia é sempre ativa e construtora, abre novos caminhos. A ortodoxia envelhece e apodrece idéias e homens.

A longa e dura experiência ensinou-me, no passar dos anos, a importância de pensar pela própria cabeça. Para pensar e agir por minha cabeça, pago um preço muito alto, alvo que sou do patrulhamento de todas as ideologias, de todos os radicalismos ortodoxos. Preço muito alto, ainda assim barato.

16

Não serão as ideologias por acaso a desgraça do nosso tempo? O pensamento criador submergido, afogado pelas teorias, pelos conceitos dogmáticos, o avanço do homem travado por regras imutáveis?

Sonho com uma revolução sem ideologia, onde o destino do ser humano, seu direito a comer, a trabalhar, a amar, a viver a vida plenamente não esteja condicionado ao conceito expresso e imposto por uma ideologia, seja ela qual for. Um sonho absurdo? Não possuímos direito maior e mais inalienável do que o direito ao sonho. O único que nenhum ditador pode reduzir ou exterminar.

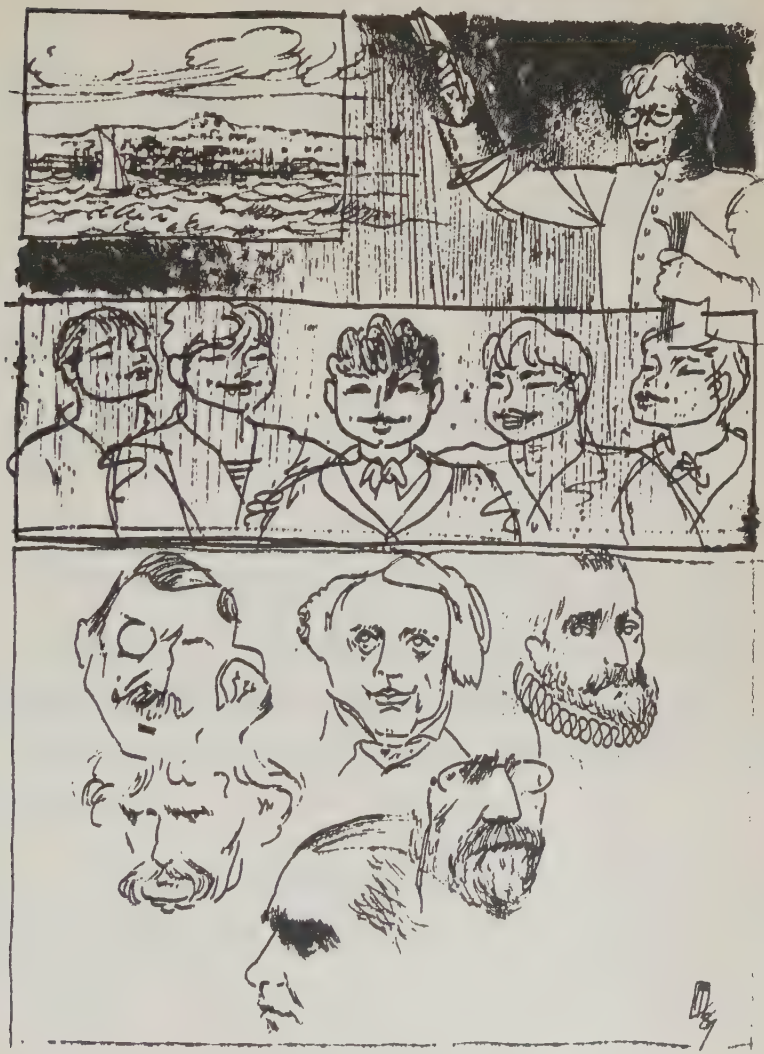
Dos estreitos limites do internato, fui salvo pelo mar — o mar de Ilhéus, a praia do Pontal, as marés mansas e a tempestade.

Aplaudido orador sacro, o padre Luiz Gonzaga Cabral era a grande estrela do colégio, a sociedade baiana vinha em peso ouvir seu sermão dominical. Brilhava também no Liceu Literário Português nas comemorações de datas lusitanas. Tendo adoecido o nosso professor de português, padre Faria, ele o substituiu. Seus métodos de ensino nada tinham de ortodoxos.

Em lugar de nos fazer analisar *Os Lusíadas*, tentando descobrir o sujeito oculto e dividir as orações, reduzindo o poema a complicado texto para as

questões gramaticais, fazendo-nos odiar Camões, o padre Cabral, para seu deleite e nosso encantamento, declamava para os alunos episódios da epopéia. Apesar do sotaque de além-mar, a força do verso nos tomava e possuía. Lia-nos igualmente a prosa de Garrett, a de Herculano, cenas de *Frei Luiz de Souza*, trechos de *Lendas e Narrativas*. Patriota, desejava sem dúvida nos fazer conscientes da grandeza de Portugal, o Portugal das descobertas e dos clássicos. Obtinha bem mais do que isso: despertava nossa sensibilidade, retirando-nos do poço da gramática portuguesa (cujas rígidas regras nada tinham a ver com a língua falada pelo povo brasileiro) para a sedução da literatura, das palavras vivas e atuantes. As aulas de português adquiriram outra dimensão.

18



O PRIMEIRO DEVER PASSADO PELO NOVO PROFESSOR de português foi uma descrição tendo o mar como tema. A classe se inspirou, toda ela, nos encapelados mares de Camões, aqueles nunca dantes navegados, o episódio do Adamastor foi reescrito pela meninada. Prisioneiro no internato, eu vivia na saudade das praias do Pontal onde conhecera a liberdade e o sonho. O mar de Ilhéus foi o tema de minha descrição.

Padre Cabral levara os deveres para corrigir em sua cela. Na aula seguinte, entre risonho e solene, anunciou a existência de uma vocação autêntica de escritor naquela sala de aula. Pediu que escutassem com atenção o dever que ia ler. Tinha certeza, afirmou,

que o autor daquela página seria no futuro um escritor conhecido. Não regateou elogios. Eu acabara de completar onze anos.

Passei a ser uma personalidade, segundo os cânones do colégio, ao lado dos futebolistas, dos campeões de matemática e de religião, dos que obtinham medalhas. Fui admitido numa espécie de Círculo Literário onde brilhavam alunos mais velhos. Nem assim deixei de me sentir prisioneiro, sensação permanente durante os dois anos em que estudei no colégio dos jesuítas.

Houve, porém, sensível mudança na limitada vida do aluno interno: o padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante. Primeiro *As Viagens de Gulliver*, depois clássicos portugueses, traduções de ficcionistas ingleses e franceses. Data dessa época minha paixão por Charles Dickens. Demoraria ainda a conhecer Mark Twain, o norte-americano não figurava entre os prediletos do padre Cabral.

Recordo com carinho a figura do jesuíta português erudito e amável. Menos por me haver anunciado

escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária. Ajudou-me a suportar aqueles dois anos de internato, a fazer mais leve a minha prisão, minha primeira prisão.

Fugi no início do terceiro ano, atravessei o sertão da Bahia no rumo de Sergipe, iniciando minhas universidades.

Esta edição de

O MENINO GRAPIÚNA

foi preparada para a Editora Record
por Paloma Jorge Amado e Pedro Costa.

Obras de Jorge Amado

O País do Carnaval
Cacau
Suor
Jubiabá
Mar Morto
Capitães da Areia
ABC de Castro Alves
Terras do Sem Fim
O Cavaleiro da Esperança
São Jorge dos Ilhéus
Bahia de Todos os Santos
O Amor do Soldado
Seara Vermelha
Os Subterrâneos da Liberdade:
1- Os Ásperos Tempos
2 - Agonia da Noite
3 - A Luz no Túnel
Gabriela, Cravo e Canela
A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua
Os Velhos Marinheiros ou O Capitão de Longo Curso
Os Pastores da Noite
Dona Flor e Seus Dois Maridos
Tenda dos Milagres
Tereza Batista Cansada de Guerra
O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá
Tieta do Agreste
Farda Fardão Camisola de Dormir
O Menino Grapiúna
A Bola e o Goleiro
Tocaia Grande – A Face Obscura
O Sumiço da Santa
Navegação de Cabotagem
A Descoberta da América pelos Turcos
O Compadre de Ogun
O Milagre dos Pássaros

Ilustração de Floriano Teixeira

"Jorge Amado escreveu *O menino grapiúna* não para contar o romance de sua formação juvenil, mas para mostrar, através de umas poucas cenas, evocadas com um mínimo de palavras, onde estão as raízes profundas de sua personalidade de cidadão e escritor; como viu pela primeira vez os elementos básicos de seu mundo ficcional, que começou a descrever ainda adolescente; em que ocasião cruzou com os inesquecíveis modelos de algumas das figuras que transitam pela sua obra extensa e hoje conhecida em dezenas de países."

Jornal do Brasil – 02/01/1982

ISBN 85-01-02053-2

9 788501 020536

KU-704-999